

## Horacio Quiroga: *La retórica del cuento*

Tradução de Willian Henrique Cândido Moura<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Virginia Castro Boggio<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Neste texto, Quiroga retoma algumas características do ofício de contista, revisitando o que havia publicado anteriormente no *Manual do contista perfeito* e em *Os truques do contista perfeito*. Desta vez, o escritor apresenta uma nova retórica do conto, por meio da concepção de conto existente na literatura desde a antiguidade, o que possibilitará aos novos e antigos contistas um domínio mais eficaz da arte de contar histórias. Sobre os contistas, Quiroga traça um perfil daqueles que trabalham com o gênero conto e, a partir disso, aconselha os que não se adequam às peculiaridades do estilo, que procurem outra vocação para si.

### A retórica do conto

Horacio Quiroga

Nestas mesmas colunas, solicitado certa vez por alguns amigos da infância que queriam escrever contos sem as dificuldades normalmente inerentes a sua composição, expus várias regras e truques que, por terem servido satisfatoriamente em mais de uma ocasião, suspeitei que poderiam prestar serviços valiosos àqueles amigos da infância.

Animado pelo silêncio – na literatura o silêncio é sempre animador – em que tinha chegado minha anagnosia elementar do ofício, completei-a com uma nova série de truques eficazes e seguros, convencido de que pelo menos um dos infinitos aspirantes à arte da escrita deveria estar, nas sombras, gestando um conto revelador.

O tempo passou. Ainda ignoro se minhas normas literárias foram úteis. Uma e outra série de truques anotados com mais humor do que solenidade ganharam o título comum de *Manual do contista perfeito*.

---

<sup>1</sup> Mestrando da Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Bolsista CNPq. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil. E-mail: willianhenry\_@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda da Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Bolsista CAPES. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil. E-mail: virgiboggio@gmail.com.

Hoje sou solicitado novamente, mas desta vez com muito mais seriedade do que bom humor. Pedem de mim, primeiramente, uma declaração firme e explícita sobre o conto. E, em seguida, uma fórmula eficaz para, precisamente, evitar escrevê-lo na forma em desuso que, com tão pouco sucesso, absorveu nossos velhos tempos.

Como se vê, minha posição ao divulgar os truques do contista perfeito, antes era desenfadada e segura; agora, em minha atual situação, tornou-se instável. O quanto eu sabia sobre o conto era um erro. Meu conhecimento indubitável do ofício, minhas pequenas armadilhas, mais ou menos claras, serviram apenas para me colocar de pé, nu e tremendo como uma criança, perante a gestação de uma nova retórica do conto que deve nos amamentar.

“Uma nova retórica...” Não sou o primeiro a expressar dessa forma os novos cânones. Com eles, não está em jogo nossa velha estética, mas uma nova nomenclatura. Para guiar-nos na descoberta, nada mais útil do que lembrar o que a literatura de ontem, a de dez séculos atrás e a dos primeiros balbucios da civilização, entenderam por conto.

O conto literário, diz-nos aquela, consta dos mesmos elementos sucintos que o conto falado, e é, como este, o relato de uma história bastante interessante e suficientemente breve para absorver toda a nossa atenção.

Mas é essencial, adverte-nos a retórica, que o assunto para contar constitua uma história com começo, meio e fim. Uma cena truncada, um incidente, uma simples situação sentimental, moral ou espiritual, possuem elementos de sobra para fazer com eles um conto.

Talvez em algumas épocas, a história total – o que poderíamos chamar de argumento – foi inerente ao próprio conto. “Pobre conto!” Mais tarde, com a história breve, enérgica e aguda de um simples estado de espírito, os grandes mestres do gênero criaram relatos imortais.

Na extensão sem limites do tema e do procedimento no conto, duas qualidades foram exigidas sempre: no autor, o poder de transmitir vivamente e sem demoras as suas impressões; e na obra, a fluidez, a energia e a brevidade do relato, que a definem.

Tão específicas são estas duas qualidades, que desde as eras mais remotas do homem e através das mais profundas convulsões literárias, o conceito de conto não mudou. Quando o dos outros gêneros sofria pelas modas do momento, o conto permaneceu firme em sua essência integral. E enquanto a língua humana for nosso veículo preferido de expressão, o homem contará sempre, pois o conto é a forma natural, normal e insubstituível de contar.

Estendido até o romance, o relato pode sofrer em sua estrutura. Constrangido na sua enérgica brevidade, o conto é e não pode ser outra coisa senão o que todos, cultos e ignorantes, entendemos com isso.

Os contos chineses e persas, os grecolatinos, os árabes das *Mil e uma noites*, os do Renascimento italiano, os de Perrault, de Hoffmann, de Poe, de Mérimée, de Bret Harte, de Verga, de Tchekhov, de Maupassant, de Kipling, todos eles são uma só e a mesma coisa em sua realização. Podem diferenciar-se um do outro como o sol e a lua. Mas o conceito, a coragem de contar, a intensidade, a brevidade, são os mesmos em todos os contistas de todas as épocas.

Todos eles possuem em ampla magnitude a característica de entrar diretamente no assunto. Nada mais impossível do que aplicar neles as palavras: “Ao ponto, ao ponto...”, com que se hostiliza um contista verbal ruim. O contista que “não diz algo” que nos faz perder tempo, que o perde em divagações supérfluas, pode se virar de um lado para o outro procurando outra vocação. Esse homem não nasceu contista.

Mas e se essas divagações, digressões e ornamentos sutis, possuem em si mesmos elementos de beleza? Se eles sozinhos, muito mais do que o conto sufocado, realizam uma excelsa obra de arte?

Parabéns, responde a retórica. Mas eles não constituem um conto. Essas divagações admiráveis podem luzir-se em um artigo, em uma fantasia, em um quadro, em um ensaio, e, com certeza, em um romance. No conto não têm lugar e muito menos podem constituí-lo por si mesmas.

Enquanto não se crie uma nova retórica – a velha senhora conclui – com novas formas de poesia épica, o conto é e será o que todos, grandes e pequenos, jovens e velhos, mortos e vivos, compreendemos por isso. O futuro novo gênero pode ser superior, por suas características e seus adoradores, ao antigo e sólido afã de contar que aflige o ser humano. Mas, procuremos outro nome.

Essa é a questão. A consulta que me foi feita, fica assim respondida por meio da tradição retórica.

Quanto a mim, à minha desvantajosa mania de entender o relato, acredito, sinceramente, que é tarde demais para perdê-la. Mas farei tudo que estiver ao meu alcance para não fazer pior.

## La retórica del cuento

Horacio Quiroga

En estas mismas columnas, solicitado cierta vez por algunos amigos de la infancia que deseaban escribir cuentos sin las dificultades inherentes por lo común a su composición, expuse unas cuantas reglas y trucos, que, por haberme servido satisfactoriamente en más de una ocasión, sospeché podrían prestar servicios de verdad a aquellos amigos de la niñez.

Animado por el silencio – en literatura el silencio es siempre animador – en que había caído mi elemental anagnosia del oficio, completela con una nueva serie de trucos eficaces y seguros, convencido de que uno por lo menos de los infinitos aspirantes al arte de escribir debía de estar gestando en las sombras un cuento revelador.

Ha pasado el tiempo. Ignoro todavía si mis normas literarias prestaron servicios. Una y otra serie de trucos anotados con más humor que solemnidad llevaban el título común de *Manual del perfecto cuentista*.

Hoy se me solicita de nuevo, pero esta vez con mucha más seriedad que buen humor. Se me pide primeramente una declaración firme y explícita acerca del cuento. Y luego, una fórmula eficaz para evitar precisamente escribirlos en la forma ya desusada que con tan pobre éxito absorbió nuestras viejas horas.

Como se ve, cuanto era de desenfadada y segura mi posición al divulgar los trucos del perfecto cuentista, es de inestable mi situación presente. Cuanto sabía yo del cuento era un error. Mi conocimiento indudable del oficio, mis pequeñas trampas más o menos claras, sólo han servido para colocarme de pie, desnudo y aterido como una criatura, ante la gesta de una nueva retórica del cuento que nos debe amamantar.

«Una nueva retórica...» No soy el primero en expresar así los flamantes cánones. No está en juego con ellos nuestra vieja estética, sino una nueva nomenclatura. Para orientarnos en su hallazgo, nada más útil que recordar lo que la literatura de ayer, la de hace diez siglos y la de los primeros balbuceos de la civilización, han entendido por cuento.

El cuento literario, nos dice aquella, consta de los mismos elementos sucintos que el cuento oral, y es como éste el relato de una historia bastante interesante y suficientemente breve para que absorba toda nuestra atención.

Pero es indispensable, adviértenos la retórica, que el tema a contar constituya una

historia con principio, medio y fin. Una escena trunca, un incidente, una simple situación sentimental, moral o espiritual, poseen elementos de sobra para realizar con ellos un cuento.

Tal vez en ciertas épocas la historia total – lo que podríamos llamar argumento – fue inherente al cuento mismo. «¡Pobre cuento!» Más tarde, con la historia breve, enérgica y aguda de un simple estado de ánimo, los grandes maestros del género han creado relatos inmortales.

En la extensión sin límites del tema y del procedimiento en el cuento, dos calidades se han exigido siempre: en el autor, el poder de transmitir vivamente y sin demoras sus impresiones; y en la obra, la soltura, la energía y la brevedad del relato, que la definen.

Tan específicas son estas dos cualidades, que desde las remotas edades del hombre, y a través de las más hondas convulsiones literarias, el concepto del cuento no ha variado. Cuando el de los otros géneros sufría según las modas del momento, el cuento permaneció firme en su esencia integral. Y mientras la lengua humana sea nuestro preferido vehículo de expresión, el hombre contará siempre, por ser el cuento la forma natural, normal e irremplazable de contar.

Extendido hasta la novela, el relato puede sufrir en su estructura. Constreñido en su enérgica brevedad, el cuento es y no puede ser otra cosa que lo que todos, cultos e ignorantes, entendemos por tal.

Los cuentos chinos y persas, los grecolatinos, los árabes de las *Mil y una noches*, los del Renacimiento italiano, los de Perrault, de Hoffmann, de Poe, de Mérimée, de Bret Harte, de Verga, de Chéjov, de Maupassant, de Kipling, todos ellos son una sola y misma cosa en su realización. Pueden diferenciarse unos de otros como el sol y la luna. Pero el concepto, el coraje para contar, la intensidad, la brevedad, son los mismos en todos los cuentistas de todas las edades.

Todos ellos poseen en grado máximo la característica de entrar vivamente en materia. Nada más imposible que aplicarles las palabras: «Al grano, al grano...», con que se hostiga a un mal contador verbal. El cuentista que «no dice algo», que nos hace perder el tiempo, que lo pierde él mismo en divagaciones superfluas, puede volverse a uno y otro lado buscando otra vocación. Ese hombre no ha nacido cuentista.

Pero ¿si esas divagaciones, digresiones y ornatos sutiles, poseen en sí mismos elementos de gran belleza? ¿Si ellos solos, mucho más que el cuento sofocado, realizan una excelsa obra de arte?

Enhorabuena, responde la retórica. Pero no constituyen un cuento. Esas

divagaciones admirables pueden lucir en un artículo, en una fantasía, en un cuadro, en un ensayo, y con seguridad en una novela. En el cuento no tienen cabida, ni mucho menos pueden constituirlo por sí solas.

Mientras no se cree una nueva retórica, concluye la vieja dama, con nuevas formas de la poesía épica, el cuento es y será lo que todos grandes y chicos, jóvenes y viejos, muertos y vivos, hemos comprendido por tal. Puede el futuro nuevo género ser superior, por sus caracteres y sus cultores, al viejo y sólido afán de contar que acucia al ser humano. Pero busquémosle otro nombre.

Tal es la cuestión. Queda así evacuada, por boca de la tradición retórica, la consulta que se me ha hecho.

En cuanto a mí, a mi desventajosa manía de entender el relato, creo sinceramente que es tarde ya para perderla. Pero haré cuanto esté en mí para no hacerlo peor.

## **REFERÊNCIAS**

QUIROGA, Horacio. La retórica del cuento. *Fundación Horacio Quiroga*. Disponível em: <https://horacioquiroga.org/ensayos/sobre-el-arte-de-contar-historias/5/>. Acesso em junho de 2019.